

# Contribuição para o Registo das Antas Portuguesas

A Região de Montargil, Concelho de Ponte de Sôr

Por  
GEORG e VERA LEISNER

## I. — INTRODUÇÃO

A vila de Montargil e as antas, que pertencem à sua freguesia, ficam nos terrenos montanhosos que se elevam ao Noroeste do rio Sôr, a maioria delas no planalto e à beira dos caminhos íngremes, que descem da serra ao vale daquele rio. Mapa *Est. I*.

Em contraste com a investigação ainda insuficiente em algumas outras freguesias do concelho — por exemplo na de Galveias, onde, segundo informações por nós recolhidas, deve haver monumentos importantes na herdade da Torre de Sepúlveda e na confinante da Ramalheira — o conhecimento das antas de Montargil data já dos princípios do século corrente, graças às investigações do Doutor Leite de Vasconcelos, cientista incansável no estudo da terra alentejana e das suas riquezas arqueológicas. Saindo do Monte dos Irmãos, realizou escavações em algumas antas da região. Procedente, em parte, destas suas próprias explorações, em parte oferecido pelo arqueólogo M. de Matos Silva, de Ponte de Sôr, um lote de objectos pré-históricos deu entrada no Museu Etnológico Português <sup>(1)</sup>.

Além da notícia previamente citada, os resultados destas investigações

---

<sup>(1)</sup> J. Leite de Vasconcelos, *Crónica. Excursão Archeológica. — Excavações. — Acquisições. O Archeólogo Português*. Tomo XV. Lisboa, 1910, págs. 247-249.

carecem ainda de uma publicação, ficando, por isso, desconhecida a estrutura das antas escavadas naquela época.

Para encher esta lacuna, percorremos, no ano de 1934, as serras de Montargil; levantámos as plantas de várias antas e descobrimos mais algumas ainda desconhecidas.

Há alguns anos, o Dr. Salinas Calado e o Sr. A. Courinho escavaram a Anta dos Parcerinhos e outra na herdade de Portugal; não conseguimos, porém, obter, nem em Lisboa, nem em Figueira da Foz, informações acerca dos resultados.

Numa viagem de prospecção geológica para a barragem do rio Sôr, Octávio da Veiga Ferreira descobriu, à margem do rio, uma mamoa que ainda cobria, quase totalmente, uma pequena construção lítica alongada. Considerando o interesse que nos despertava esta pequena anta aparentemente intacta, o Ex.<sup>mo</sup> Sr. Engenheiro Castelo Branco, Director dos Serviços Geológicos de Portugal, atendendo amavelmente ao nosso pedido, convidou-nos a escavar, em colaboração com os Serviços Geológicos, aquela anta e algumas outras de importância para os nossos estudos. Agradecemos, sinceramente, esta sua complacência.

Apresentamos, nas páginas seguintes, um quadro mais completo das antas da região de Montargil, que resulta desta segunda viagem. Incluímos, também, as plantas das antas escavadas anteriormente, reunindo com aquelas os espólios então recolhidos <sup>(2)</sup>.

De harmonia com os factos provados em outros concelhos ocidentais do Alentejo, sobretudo pelas investigações do Dr. Manuel Heleno, as antas de Montargil apresentam duas facies architectónicas distintas: — câmaras maiores, de planta poligonal, com galeria de acesso, e — pequenas construções alongadas, baixas e sem corredor. Estes dois tipos encontram-se misturados nas mesmas herdades sem distinção nem do local nem do material escolhido para a sua construção. Conforme as condições geológicas, o material empregado é o xisto ou o gneiss, havendo antas pequenas construídas com espessos blocos de gneiss, e grandes construídas de xisto. Ao Nor-Nordeste da vila de Montargil, na região do marco geodésico «Pintadinho», aparece também o granito.

---

(2) Cabe-nos exprimir ao Sr. Dr. Manuel Heleno, Director do Museu Etnológico Português, a nossa gratidão pelas facilidades concedidas no estudo destes espólios.

II. — *LISTA DAS ANTAS*

Comentário à Lista das Antas, às Plantas e ao Mapa.

1. As antas seguem-se na lista em ordem geográfica.
2. Os números das antas na lista correspondem aos números no mapa.
3. A medida do comprimento actual ou total refere-se à construção megalítica. Medidas do diâmetro da câmara: o primeiro número indica o comprimento, o segundo a largura. Medidas da largura do corredor: o primeiro número indica a largura à entrada da câmara, o segundo a ao fim do corredor. Nas antas não escavadas a altura da câmara e dos esteios é tomada do chão actual.
4. Nas plantas, a inclinação dos esteios é indicada por três pequenos traços (— — —).
5. A orientação é tomada de um ponto, ao meio da cabeceira, para outro ponto, ao meio da entrada da câmara; se há corredor, para um ponto ao meio do fim do corredor.

6. Abreviaturas:

Compr. = comprimento  
Larg. = largura  
Alt. = altura  
Esp. = espessura  
Diâm. = diâmetro  
Máx. = máxima  
Chapéu = pedra de cobertura da câmara  
Mamoá = colina tumular

7. O levantamento das plantas e dos alçados, os desenhos dos objectos dos espólios e todas as fotografias foram feitos por nós mesmos.

*N.º 1. Anta 1 da herdade do Chão Frio.*

*Situação:* 250 m ao Noroeste do caminho marginal do rio Sôr, na berma oeste dum atalho, que sobe para os montes Casais da Serra e Covão.

Restos de um dólmen de corredor.

*Câmara*: poligonal, 4 esteios conservados, em parte caídos para dentro. Já escavada.

*Corredor*: conserva o comprimento primitivo de 5 m, havendo, no seu fim, à orla da mamoa, uma laje posta de través. Ainda não escavado.

*Mamoa*: 16 m. de diâm.

*Orientação*: Este.

*N.º 2. Anta 2 da herdade do Chão Frio.*

*Situação*: na berma Noroeste do caminho marginal.

Restos de uma câmara muito destruída, primitivamente de 7 esteios, 4 dos quais estão ainda em pé, um outro caído. Já escavada.

*Corredor e mamoa*: destruídos.

*N.º 3. Anta do Monte do Cabeço. Est. II, Sep. 1; Est. V, 1; VI, 1; Fig. 1.*

*Situação*: 150 m ao Norte, 10º Oeste do Monte do Cabeço, num caceminho ao Norte do rio Sôr.

*Construção*: pequena câmara alongada, 2,80 m de compr., 1,10-1,30 m de larg., irregularmente construída de 9 esteios. Na parede Sul e na parte Sul da parede de cabeceira estão 6 espessos blocos arredondados de gneiss (*a, e-i*); a parte Norte da cabeceira e a parede Norte são quase totalmente ocupadas por duas grandes lajes (*b, c*), aos quais segue, à entrada, um bloco (*d*). A parede de cabeceira (*a, b*) e o esteio adjacente (*i*) têm 0,85 m de altura do chão primitivo; os blocos seguintes da parede Sul (*h, g*) são respectivamente 0,20 e 0,30 m mais baixos. Sobre estes últimos e sobre a terra adjacente da mamoa descansa um grande bloco (*k*), 1,70 m de compr. e 0,70 m de larg. Esta sua posição corresponde, provavelmente, à primitiva. Até à entrada, a altura da parede diminui outra vez de 0,30 m (*f, e*); também aumentado por um bloco, posto sobre o esteio (*e*). A grande laje da parede Norte é 0,20 m. mais baixo do que a cabeceira.

A entrada da câmara é fechada por um grande bloco posto de través (*l*), 1,60 m de compr., 0,80 m de larg. e 0,20 m de esp., cujo bordo superior fica 0,30 m mais baixo do que o da cabeceira, enquanto, desde o seu bordo inferior até ao chão da câmara, há um espaço intermediário de 0,25 m.

A sepultura é envolvida de uma colina tumular artificial de 24,50 m de diâm. no sentido Oeste-Este; o declive é de cerca de 2 m. No lado Sul a superfície actual da mamoa é 0,30 m mais baixo do que o bordo superior do bloco (*k*); o declive neste lado é de 1,50 m na distância de 10 m; no lado Norte o declive é menor. À colina artificial segue-se de todos os lados a colina natural, da qual, porém, se distingue, obviamente, pela sua cor barrenta, o que prova que o material para a sua construção foi escolhido de propósito.

*Orientação:* Este.

*Escavação:* no mês de Outubro de 1953, em companhia de O. da Veiga Ferreira. Só os esteios mais altos afloravam a mamoa. As camadas superiores eram constituídas duma terra amarela, igual à da mamoa, sem substâncias orgânicas. 0,40 m por baixo do bordo superior do bloco (*k*) apareceu, no sector Oeste da câmara, uma camada quase coerente de blocos de tamanho de 0,20 - 0,40 m de diâm. indicados na planta em desenho tracejado. Cobria a metade Oeste numa extensão de cerca de 1,70 m. (*Est. VI, 1*). Entre estes blocos, havia alguns pedaços de grés vermelho. Por baixo da camada de blocos seguia terra negra, na qual se encontrou, 0,60 m por baixo do bordo superior do esteio (*c*), uma pequena matriz de cobre. Apareceu, ao crivar a terra proveniente deste sítio, e deve ter estado sobre ou só pouco por cima do chão primitivo, seguindo, logo, terra mais dura e o barro cinzento do fundo. Não se encontraram nem restos de ossos humanos, nem vestígios de uma cobertura de lajes. Não se exclui, pois, a hipótese de que o enterramento tivesse sido protegido apenas pela camada de blocos, tendo-se verificado costumes idênticos nas escavações do Prof. Manuel Heleno, em pequenos dólmenes do concelho de Montemor-o-Novo. A falta de lajes de cobertura nota-se, também, em cistas de Monchique<sup>(3)</sup>. O espaço por baixo do bloco (*l*) estava cheio de barro duríssimo. Pesquisas do lado de fora dele mostraram não haver um corredor de acesso.

---

(3) Abel Viana. Octávio da Veiga Ferreira y José Formosinho, *Necrópolis de las Caldas de Monchique*. Madrid, 1950, pág. 14.

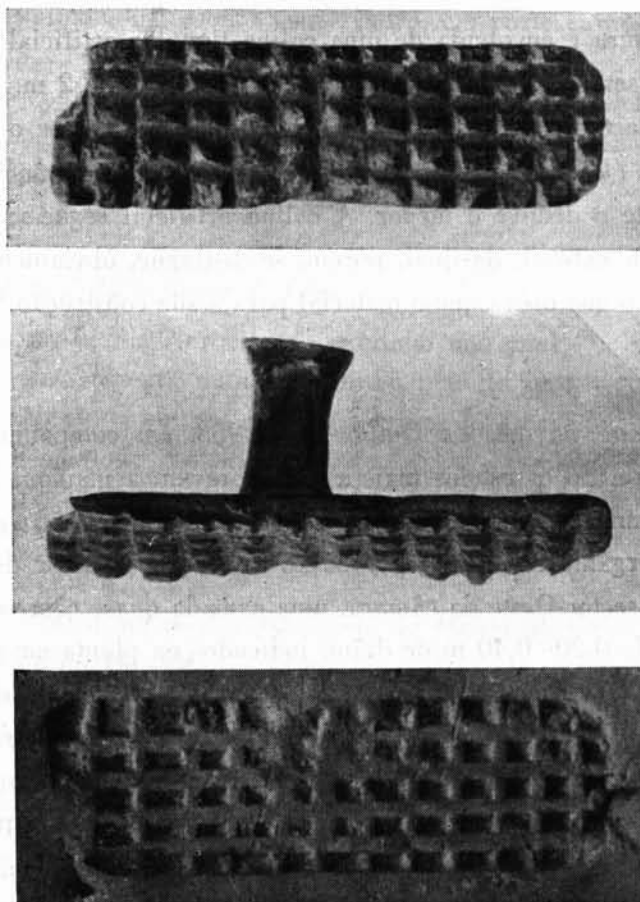


Fig. 1

Matriz de cobre da Anta do monte do Cabeço; a chapa, a vista lateral e a impressão em barro. Escala: 2:1.

*Espólio: Est. II, Sep. 1,1.*

Pequena matriz de cobre, cuja chapa,  $2,8 \times 1$  cm de diâm., é dividida por ranhuras profundamente incisadas em 5 filas longitudinais e 13 filas transversais de saliências irregularmente rectangulares, 1 mm altas, aplanadas nos topos, com os lados obliquamente facetados. O centro e um dos lados estão gastos. No lado inferior, algum tanto desviado do centro, há um cabo, 12 mm de compr., de secção rectangular, que se alarga até o seu fim.



*Análise:*

Sn	Pb	As	Sb	Ag	Ni	Bi	Au	Zn	Co	Fe
0	0	0,80	0	0,014	0	0,001	0	0	0	0

Sn = estanho	Sb = antimónio	Bi = bismuto	Co = cobalto
Pb = chumbo	Ag = prata	Au = ouro	Fe = ferro
As = arsénico	Ni = níquel	Zn = zinco	

A percentagem de cobre é, conseqüentemente, 91,85.

Apreciação da análise vide pág. 252.

Museu dos Serviços Geológicos, Lisboa.

*N.º 4. Anta de S. Bernardo. Est. IV, Sep. 8.*

*Situação:* 150 m a Nor-Nordeste do monte da herdade de S. Bernardo.

*Grande câmara* poligonal de 7 esteios, profundamente escavada, hoje cheia de arbustos e com o chapéu caído para dentro, o que impediu o levantamento de uma planta.

*Corredor e mamoa:* destruídos.

*Escavação:* J. Leite de Vasconcelos.

*Espólio:* segundo as suas indicações no *Arch. Port.*, XV, pág. 247:

1 machado, ossos humanos e cacos de cerâmica. Provenientes dos terrenos da herdade de S. Bernardo, Leite de Vasconcelos adquiriu fragmentos de 3 facas de sílex e 5 machados. No Museu Etnológico estes objectos são registados sob os números 12.933-43, todos com a designação «Anta de S. Bernardo» (4), o que, porém, não está conforme com a notícia acima citada. Não se pode identificar, por isso, o machado encontrado na anta.

Instrumentos de pedra polida. *Est. IV, Sep. 8, 5-7.*

4 pequenos machados e enxós votivos.

N.º 5: machado plano, de cor verde-amarelento, bem polido.

N.º 6: enxó de xisto cinzento-azulado, secção lenticular.

(4) Cumpre-nos rectificar um equívoco da enumeração das antas escavadas por Leite de Vasconcelos. Conforme a lista publicada por ele, são sete. A primeira delas é a anta de S. Bernardo, herdade na qual existe só esta única anta. A anta de Cavaleiros não é a sexta da herdade de Cavaleiros, onde há só duas antas, mas a sexta escavada por Leite de Vasconcelos na campanha das suas investigações nesta região.

N.º 7: machado plano, de fibrolite.

Mais uma pequena enxó.

1 pedra chata, 6,5 × 5 cm de diâm., de cor cinzento-avermelhado.

3 calhaus.

Objectos de pedra lascada. *Est. IV*, Sep. 8, 1-4.

N.ºs 1, 3 e 4: 3 fragmentos de facas sem retoque.

N.º 2: micrólito trapezoidal de sílex branco-amarelento.

Uma lasca e alguns bocados amorfos de quartzo.

Placa de xisto gravada.

Há uma placa, de dentes de lobo, cuja procedência desta herdade ou da da Ordem não consta com certeza.

Cacos de cerâmica negrusca, de grandes vasos, restos de ossos humanos e pedras de granito.

*N.ºs 5 e 6. 2 antas na herdade dos Irmãos.*

Uma delas foi escavada por Leite de Vasconcelos, que encontrou ossos humanos, cacos de cerâmica e, na superfície, 3 instrumentos de pedra polida. Não conseguimos obter notícias acerca da existência actual e da localização destas antas.

No Museu Etnológico guardam-se sob os números 12.282-84:

Um fragmento de uma pedra dormente de mó; uma pedra chata de granito, que servia provavelmente de amoladeira; 1 machado; 3 pequenas facas de sílex, com os bordos dentados, estas últimas provenientes dos terrenos da herdade.

*O Arch. Port.*, XV, pág. 247.

Sob os números 12.643 e 45: *Est. III*, 1-3.

4 pontas de seta retocadas: a) de base triangular, sílex castanho-amarelento, trabalho fino, o reverso retocado só nos bordos; b) de base recta xisto cinzento, grosseira; c) de base côncava, sílex cinzento; d) de base côncava, sílex cinzento, grosseira.

Junto com estas pontas de seta há no Museu Etnológico uma caixa com cacos, alguns de pequenos vasos esféricos, entre estes um fragmento com dois mamilos por baixo do bordo e um fragmento de um vaso carenado (*Est. III*, N.º 21). Estes fragmentos provêm ou da Anta dos Cavaleiros ou da anta dos Irmãos.



*N.ºs 7-10*: 5 antas na herdade dos Besteiros, 4 das quais situadas na berma de um caminho, que conduz do monte dos Besteiros ao vale do rio Sôr.

*N.º 7. Anta 1 dos Besteiros. Est. II, Sep. 3; Est. VI, 2.*

*Situação*: 350 m ao Sudoeste do monte dos Besteiros, aproximadamente 800 m a Leste-Sudeste do monte de Portugal, do qual é separada por uma ravina. Está imediatamente ao pé do caminho acima descrito.

*Pequena câmara* alongada, ligeiramente trapezoidal, 1,70 m de compr., 0,80-1 m de larg., 0,75 m de alt., construída de 8 esteios, dos quais 5 estão «in situ»; dois da parede Norte estão caídos. Na entrada conservam-se duas pequenas lajes da porta. Em redor da câmara e entre os esteios há algumas pedras de reforço e cunhas. Não há corredor. Material: xisto.

*Mamoas*: restos na altura de 1 m, numa extensão de 5 m detrás da cabeceira.

*Orientação*: Este-Sudeste.

*Escavação*: por nós, a 2-11-1953.

As duas camadas superiores consistiam de terras misturadas com pedras; nela havia uns bocados de carvão vegetal. Por baixo, nas camadas 3-5, seguiu terra amarelenta. Na profundidade de 0,45 m por baixo do chão actual, 0,75 m. por baixo do bordo superior da cabeceira, encontrou-se o chão primitivo, documentado também pela laje da porta, que terminava nesta altura. 0,10 m mais baixo, a 0,55 m de profundidade, encontramos o bordo inferior da cabeceira. Uma laje da cobertura está fora da anta.

A anta não deu objecto nenhum.

*N.º 8. Anta 2 dos Besteiros.*

*Situação*: 300 m a Sul, 10º Oeste da Anta 1, na berma Este do mesmo caminho.

Restos de uma *pequena câmara*, construída de blocos de gneiss, 2 esteios «in situ», outro caído. Em redor, grandes fragmentos de pedras. Não se pode reconstruir a planta.

*Mamoas*: 11 m de diâm.

*N.º 9. Anta 3 dos Besteiros.*

*Situação:* aproximadamente 1,5 km ao Sul da Anta 2, descendo no mesmo caminho, em cuja berma Leste fica.

Restos de uma anta de corredor de cerca de 1,60 m de diâm., 3 esteios conservados, mas desviados do seu lugar primitivo; têm 0,75-0,80 m de larg. e 0,90-1 m de alt. A planta da câmara não é reconstituível.

*Corredor:* conserva-se um esteio, 0,15 m alto.

*N.º 9 a. Anta 4 dos Besteiros.*

Descendo, da anta 3, mais 30 metros, encontram-se, a Leste do caminho, restos de mais uma anta.

*N.º 10. Anta 5 dos Besteiros.*

Segundo informações recolhidas por nós, há uma anta perto do caminho, que conduz do monte do Álamo ao monte das Charnequinhas.

*N.ºs 11 e 12. 2 Antas na herdade dos Cavaleiros.*

*N.º 11. Anta 1 dos Cavaleiros. Est. III, Sep. I; Est. VII, 2 (5).*

*Situação:* 350 m a Sudoeste do sinal trigonométrico «Cavaleiros», 200 m ao Norte da anta 2 de Portugal, num cabecinho.

Restos de uma anta de corredor, comprimento actual da construção lítica 5,60 m.

*Câmara:* poligonal, 2,20 × 2,50 m de diâm., 4 esteios «in situ»: a cabeceira, os dois junto dela, e outro da parede Sul. Um esteio da parede Norte está inclinado para dentro, dois estão caídos. Altura da cabeceira do chão primitivo: 2 m, os outros esteios partidos nos topos. A câmara está escavada a grande profundidade.

*Corredor:* na distância de 2,60 da entrada da câmara, 4,20 m da

---

(5) Para a enumeração da anta vid. pág. 233, nota 4.

cabeceira, conservam-se restos do corredor: 2 esteios muito inclinados para dentro, e uma laje de cobertura.

*Orientação:* Sudeste.

*Escavação:* J. Leite de Vasconcelos.

Um rico espólio guarda-se no Museu Etnológico, catalogado sob os números 12.809-12.823 e 12.889-12.912. Segundo as indicações do Dr. Leite de Vasconcelos, os objectos 12.889-12.912 procedem com certeza da sua escavação ou em parte de explorações realizadas anteriormente nesta anta. Dos objectos 12.809-23, também atribuídos à anta dos Cavaleiros, a procedência não é tão certa, porquanto Leite de Vasconcelos não faz referência àqueles. Separam-se, a seguir, estes dois grupos de objectos.

Grupo 1. *Est. III*, N.º 4-22.

*8 instrumentos e um fragmento de pedra polida*, dos quais 4 pertencem ao tipo de secção cilíndrica ou oval, 5 ao tipo de secção rectangular.

N.º 6: grande machado cilíndrico (maça?) de xisto verde-acinzentado, sem polimento.

N.º 7: machado de secção oval, de xisto verde-acinzentado, polido.

N.º 9: machado achatado, secção elíptica, os lados e o gume arredondados, de xisto cinzento-claro azulado.

Fragmento de um machado de secção oval, bem acabado, de superfície granulada.

N.º 5: machado alongado de secção quadrada, de xisto cinzento-azulado, polido.

N.º 8: machado de secção rectangular, de xisto verde-acinzentado.

Há três machados semelhantes ao N.º 8, cujas medidas são, respectivamente: a) compr. 16,8 cm, larg. 6,5 cm, esp. 3,3 cm; b) compr. 13 cm, larg. 4,9 cm, esp. 4,1 cm; c) compr. 15 cm, larg. 6,1 cm, esp. 3,3 cm.

N.º 11: placa rectangular de calcário, de bordos côncavos, numa das faces uma concavidade oval (pedra de afiar?).

1 objecto elíptico, 11,5 cm de compr., 6 cm de larg., 2,8 cm de esp., uma das faces abaulada, o reverso plano.

1 calhau poliédrico.

*6 placas de xisto gravadas :*

N.º 13: grande placa de contorno recortado, sobre o corpo sete filas de dentes de lobo, executadas em finas incisões. 2 orifícios, cuja posição excêntrica na cabeça da placa não exclui que os recortes foram feitos posteriormente numa placa primitivamente rectangular.

N.º 12: placa rectangular, na parte inferior 6 filas de dentes de lobo; na parte superior pequenos «olhos» com irradiações num conjunto formado por: 3 faixas horizontais por baixo e uma por cima deles, juntando-se às últimas duas faixas verticais; 3 faixas verticais de cada lado. A cabeça é ligeiramente recortada <sup>(6)</sup>.

N.ºs 15 e 16: duas placas com ornatos de dentes de lobo. Deste tipo há mais duas placas.

N.º 14: fragmento da parte inferior de uma placa com ornatos de zigue-zagues, divididas por uma faixa lisa vertical.

*Cerâmica :*

N.º 17: grande taça de fundo esférico, de cor vermelho-amarelento, bem acabada.

N.º 18: pequena taça de cor castanho-claro, lisa, trabalho fino.

N.º 19: pequeno copo de fundo achatado, de cor amarelenta.

N.º 20: fragmento de bordo, por baixo dele vestígios de duas filas de zigue-zagues.

Fragmento de um objecto rectangular de barro, 5,2 cm de larg., 3 cm de esp.

Uma caixa com cacos, talvez em parte desta anta. Vid. Monte dos Irmãos, pág. 234.

---

<sup>(6)</sup> N.ºs 12 e 13 reproduzidas por V. Correia. *El Neolítico de Pavia*, Madrid, 1921, pág. 81, fig. 69 e pág. 78, fig. 62; a placa n.º 12, também no *Bol. da Associação dos Arqueólogos Portuguezes*, vol. V, pág. 40. Falta no inventário do catálogo, mas é mencionada por Leite de Vasconcelos no *Arch. Port.*, XV, pág. 247.

## Grupo 2

*15 instrumentos de pedra polida. 12.809-23.*

- a) grande maça de granito, 21,5 cm de compr., secção oval, bem acabada na forma, superfície áspera.
- b) grande machado, 21,8 cm de compr., secção oval, diorite, forma bem acabada, gume simétrico, face superior abaulada, o reverso plano.
- c) machado de secção oval, 17 cm de compr., pedra com veios brancos, gume simétrico.
- d) machado de secção oval, 14 cm de compr., diorite, superfície áspera, polido só no gume que é oblíquo.
- e) pequeno machado cilíndrico, 8,3 cm de compr., xisto cinzento azulado.
- f) cunha de secção trapezoidal, 11,5 cm de compr., diorite, polido só na metade inferior.
- g) machado plano de secção oval, 11,5 cm de compr., diabase verde-acastanhado, vestígios de polimento.
- h) enxó de trabalho fino, 9 cm de compr., de xisto verde-acinzentado, a face superior abaulada, polimento em parte destruído.
- i) enxó, irregular em forma, secção e trabalho, 9,5 cm de compr., xisto verde.
- j) machado de fibrolite com veios brancos, secção lenticular, 7,3 cm de compr., bem trabalhado e polido, gume cortante.
- k) pequeno machado plano, 8,5 cm de compr., secção irregularmente rectangular, face superior abaulada, de xisto cinzento esbranquiçado, gume oblíquo.
- l) pequeno machado achatado, 4,5 cm de compr., 2,7 cm de larg., os bordos planos, em ambas as faces riscos irregulares.
- m) pequena enxó de fibrolite branco-preto com veios vermelhos, trabalho fino, bem polido, secção oval com os bordos facetados, 5 cm de compr., 1,4 cm de larg.
- n) fragmento de um objecto alongado de xisto cinzento-avermelhado, secção rectangular, trabalho fino, no lado superior uma perfuração bicónica. *Est. III, 22.*

o) disco de pedra avermelhada, no centro de ambas as faces convexas uma concavidade pouco profunda. Paralela ao bordo vestígios de uma canelura. *Est. III, 4.*

Fragmento de uma faca de silex sem retoque. *Est. III, 10.*

*N.º 12. Anta 2 dos Cavaleiros.*

*Situação* : 150 m ao Sudoeste do Monte dos Cavaleiros, 200 m ao Sul-Sudeste do sinal trigonométrico «Cavaleiros».

Restos de uma grande câmara poligonal, já escavada, e quase completamente destruída. 2 esteios «in situ», enfrentando-se numa distância de 2,50 m, o maior deles tem 1,30 m de altura.

*Corredor e mamoa* destruídos.

*N.ºs 13-22. 11 Antas na herdade de Portugal.*

*N.º 13. Anta 1 de Portugal. Est. II, Sep. 2; Est. V, 2.*

*Situação* : 350 m ao Norte, 40° Este do monte de Portugal; chegando de Montargil, no lugar, onde o caminho se bifurca para o monte de Portugal e o monte de Maltim de Cima.

*Construção* megalítica alongada com átrio, compr. total 4,80 m.

A sepultura divide-se em três sectores:

1 — a câmara de forma rectangular, 1,30 m de compr., 0,70 m de larg., 0,57 m de alt., formado por 6 esteios em posição quase vertical, uma da cabeceira, 3 na parede Norte, 2 na parede Sul (*a-f*).

2 — o sector central, muito destruído. À câmara junta-se na parede Norte um bloco estreito da mesma altura daquela (*g*); seguem-se uma laje mais larga de 0,45 m de altura e um pequeno bloco de 0,35 m de altura (*h-i*). Na parede Sul não se conservam, neste sector, esteios. No fim, porém, ainda há um pequeno pilar; o da frente, na parede Norte está caído (*k-l*).

3 — o sector exterior, um polígono alongado, 1,70 × 1 m de diâm., 0,25-0,30 m mais baixo do que a câmara traseira. Na sua parede Norte conservam-se 2 (*m-n*), na parede Sul 3 esteios (*o-q*), sendo a última reforçada por várias lajes. O lado da entrada é arredondado, construído de



5 pequenas lajes (*r-v*) que se encostam umas às outras. As duas da porta (*t e u*) são bem cunhadas com pedras pequenas.

Por cima do sector central havia, descansando sobre a parede Norte e inclinado para Sul, duas lajes compridas e estreitas, respectivamente 2,20 e 2 m de compr., 0,50-0,65 m de larg., 0,10-0,20 de esp. Por baixo de uma delas encontrou-se uma terceira laje do mesmo tamanho. É de presumir que esta sua posição não corresponda à primitiva, mas que fossem empilhadas ali durante a espoliação da anta.

Comparando esta construção com a da Anta 3 da Comenda, no concelho de Reguengos de Monsaraz (<sup>7</sup>), a anta 1 de Portugal pertence ao mesmo tipo de sepultura de câmara, corredor intermediário e átrio.

*Mamo*a: grande, bem conservada. O seu diâmetro no sentido Este-Oeste, assim como no de Norte-Sul é de 15 m; a sua altura 1,50-2 m. O centro da mamoa coincide com o fim da própria câmara.

*Orientação*: Este-Sudeste.

*Escavação*: realizada por nós, não deu nada. Na superfície actual do sector central, encontrou-se um machado de secção oval, ficado ali na pilhagem da anta. É de xisto verde-acinzentado; a superfície é áspera, mas algum tanto polida em todas as partes, o gume ligeiramente oblíquo, muito gasto. *Est. II*, 1.

#### *N.º 14. Anta 2 de Portugal.*

*Situação*: 200 m ao Norte, 5º Este da Anta 1 de Portugal, ao Norte do caminho para Maltim de Cima, 200 m ao Sul da Anta 1 dos Cavaleiros.

*Pequena câmara* trapezoidal, 2 m de compr., 1,20 de larg. máx., 5 pequenos esteios baixos «in situ». Material: xisto. No centro da câmara está um marco geodésico, o que impediu uma escavação.

*Mamo*a: grande e bem conservada, 16 m de diâm.

#### *N.º 15. Anta 3 de Portugal. Est. II, Sep. 9.*

*Situação*: 350 m ao Oeste da Anta 1 de Portugal, na berma Sul do caminho para Maltim de Cima, num cabecinho.

---

(<sup>7</sup>) Georg e Vera Leisner, *Antas do Concelho de Reguengos de Monsaraz*, Lisboa, 1951, pág. 232, Est. XL, Sep. 46.

*Câmara* poligonal-trapezoidal, 1,20 × 1,60 m de diâm.; 6 esteios, 0,85 m de alt. máx. do chão actual. A parede de cabeceira 1,60 m de larg. é construída com duas lajes. Entrada da câmara 0,60 m de larg., fora dela jaz uma grande laje, 1,60 m de compr., 0,50 m de larg., que pertence, provavelmente, a um corredor hoje ainda subterrâneo.

*Orientação* : Este.

*Mamoas* : restos conservados.

*N.º 16. Anta 4 de Portugal.* (da malhada de porcos). *Est. II, Sep. 4.*

*Situação* : cerca de 500 m a Leste, 30° Sul do Monte de Portugal, 700 m ao Sul, 10° Este da Anta 1 de Portugal, descendo desta última num barranco, que conduz à malhada de porcos da herdade.

Restos de uma câmara poligonal de cerca de 1,50 m de diâm., 3 esteios «in situ»: a cabeceira e os dois adjacentes das paredes Sul e Norte, 0,60-0,80 de larg., 0,20-0,60 m de alt. do chão actual. O chapéu está inclinado contra a cabeceira.

*Corredor e Mamoas* : destruídos.

*Orientação* : Este.

*N.ºs 17 e 18. Antas 5 e 6 de Portugal.*

Duas pequenas mamoas, juntas uma da outra, na berma do caminho que segue do monte de Portugal para o marco geodésico «Portugal»; sem restos visíveis da construção lítica.

*N.º 19. Anta 7 de Portugal.* (da Guarita).

*Situação* : 100 m ao Sul, 10° Oeste do marco geodésico «Portugal», imediatamente à beira do caminho, que desce ao vale do rio Sôr.

Restos de uma câmara poligonal de interpretação incerta. 2 esteios «in situ», mais um caído; na parede Nordeste vêem-se 5 pequenos blocos, por trás dos quais está inclinado o grande chapéu.

*N.º 20. Anta 8 de Portugal.*

*Situação* : 300 m ao Sul 30° Este da Anta 7 de Portugal. Descendo o caminho da Guarita, encontram-se, na sua berma oriental, os restos de uma

pequena câmara, provavelmente do tipo sem corredor. 3 esteios estão em pé, mais um caído. O chapéu deslizou e está caído para fora.

*N.º 21. Anta 9 de Portugal.* (do Chafariz). *Est. II*, Sep. 6; *Est. VI*, 4.

*Situação* : por baixo da anta 8 um atalho, que segue por uma ravina em direcção Sudoeste, leva a uma baixa, onde, 800 m a Leste do Monte das Courelas, 30 m ao Sul dum chafariz, fica a anta 9, em campo raso.

*Pequena câmara* trapezoidal sem corredor, 2 m de compr., 1 m-0,50 m de larg., construída de 8 esteios, mais algumas pedras de reforço e cunhas. Altura actual do terreno adjacente 0,30-0,55 m. A câmara, já escavada, está hoje cheia de pedras.

*Mamoa* : completamente destruída.

*N.º 22. Anta 10 de Portugal.* (do Eucaliptal). *Est. II*, Sep. 7; *Est. VI*, 3.

*Situação* : 200 m. ao Sudoeste da Anta 9 de Portugal, na margem de uma ribeira, perto do eucaliptal.

*Pequena câmara* alongada, 2, 30 m de compr., 1 m de larg. máx. Conservam-se 7 blocos grosseiros das paredes, que estão em posição vertical ou pouco inclinadas para dentro; primitivamente eram 9. Alt. máx. 0,60 m. Não há vestígios de corredor.

*Mamoa*: restos. *Orientação*: Sudeste.

Escavada por nós, não deu nada; a câmara estava cheia de pedras. Em Montargil informaram-nos que uma anta perto do Monte das Courelas foi escavada pelo Dr. Salinas Calado. Trata-se talvez de uma destas últimas antas (vid. pág. 228).

*N.º 22 a. Anta 11 de Portugal.* Perto do eucaliptal há, segundo informações, mais uma anta, que o nosso guia não conseguiu encontrar.

Provenientes de antas da herdade de Portugal, mas sem procedência certa, o Museu Etnológico guarda, sob os números 13.016-21, vários objectos, oferecidos ao Dr. Leite de Vasconcelos pelo Dr. de Matos Silva, de Ponte de Sôr. São os seguintes:

*Est. II*, 10.

*N.º 4*: goiva comprida, de xisto verde-claro acinzentado, completamente polida, ligeiramente facetada nos bordos.

N.<sup>os</sup> 1, 5 e 6: 3 enxós achatadas, de xisto, secção irregularmente lenticular.

N.<sup>o</sup> 3: grande placa de xisto metamórfico com mica, de cor castanho-claro; 3 cm por baixo do bordo superior, na distância de 2,5 cm uma da outra, duas cavidades, 12 mm de diâ., 3 mm de profundidade. O orifício bicónico.

N.<sup>o</sup> 2: 2 fragmentos de uma placa de xisto gravada, com ornatos de dentes de lobo.

N.<sup>os</sup> 23-25. 3 Antas na herdade do Zambujal, todas situadas à beira do caminho, que desce do marco geodésico «Portugal» ao vale do rio Sôr, algum tanto mais abaixo que as antas da herdade de Portugal.

N.<sup>o</sup> 23. *Anta 1 do Zambujal. Est. II, Sep. 8.*

*Situação*: 200 m ao Sul, 20° Este da Anta 8 de Portugal, na berma Este do caminho acima citado.

*Pequena câmara* alongada, construída de 6 blocos de gneiss, todos «in situ». partidos nos topos, com excepção de um da parede Norte que tem 0,60 m de altura do chão actual.

*Mamoas*: destruída.

*Orientação*: Este-Sudeste.

N.<sup>o</sup> 24. *Anta 2 do Zambujal. Est. IV, Sep. 2; Est. VII, 1.*

*Situação*: 200 m a Sudoeste da anta 1 do Zambujal, na berma Oeste do caminho citado. Material: xisto.

Restos de uma anta de corredor, compr. total: 5 m.

*Câmara*: poligonal, 1,90 × cerca de 2,80 m de diâm.; 4 esteios, a cabeceira e três da parede Norte, «in situ», dos quais o esteio *b* está muito inclinado para dentro; a parede Sul está destruída. Alt. máx.: 1,60 m do chão actual. Na entrada da câmara conserva-se um pequeno pilar da porta.

*Corredor*: compr. actual 2,10 m, larg. 0,70 m. Na parede Norte 1 esteio, 1,40 m de larg., 0,40 m de alt., na parede Sul 1 esteio estreito, da mesma altura.

*Mamoas*: 18 m de diâm., 1,30 m de alt.

*Orientação*: Este, 15° Sul.

*N.º 25. Anta 3 do Zambujal. Est. IV, 3.*

*Situação* : 300 m ao Sul da anta 2 do Zambujal, na berma Este do caminho citado. Material: xisto.

Restos de uma câmara poligonal; a cabeceira, 1,80 m de alt. e 2 esteios da parede Sul, respectivamente 1,50 e 1,35 m. de alt. «in situ»; segue um esteio mais estreito. Grande fragmento de uma laje, 1,40 de compr., 0,60 m de larg., provavelmente do chapéu, está inclinado na câmara.

*Mamoas* : restos conservados, por trás da cabeceira, 0,70 m de alt. numa distância de 5 m.

*Orientação* : Este 10º Norte.

Em *O Arch. Port.*, XV, pág. 247, Leite de Vasconcelos atribui os objectos, catalogados no Museu Etnológico «Antas do Zambujeiro», às Antas do Zambujal. Parece, porém, que a atribuição do Museu está certa, tanto mais que na herdade do Zambujeiro há, de harmonia com os espólios recolhidos, 4 antas, enquanto na herdade do Zambujal há apenas 3.

*N.ºs 26-27. 2 Antas na herdade de S. André.*

*N.º 26. Anta 1 de S. André.*

*Situação* : 30 m ao Norte da malhada de porcos da herdade, num bosque de pinheiros mansos.

Restos de uma câmara, um esteio, 0,60 m alto, «in situ»; um outro, 0,70 m de compr., jaz dentro da cavidade, que marca o espaço primitivo da câmara. Material: gneiss.

*N.º 27. Anta 2 de S. André. Est. IV, Sep. 5.*

*Situação* : 700 m ao Norte do monte de S. André, ao pé dum caminho que sobe para a serra.

Restos de uma anta de corredor, compr. actual 5 m.

*Câmara* : poligonal, 2,50 m de diâm., 6 esteios, todos de gneiss, «in situ», primitivamente eram 8. Alt. máx. 1,40 m do chão actual. Entrada da câmara 0,80 m de larg.

*Corredor* : à distância de 1 m da câmara conserva-se, na parede Norte, um esteio; em frente, na parede Sul, há outro, mais pequeno. Alt. respectivamente 0,35 e 0,20 m.

*Mamoas* : restos num diâm. de 6 m.

*Orientação* : Este-Sudeste.

Na superfície da câmara encontrámos um machado de xisto cinzento-azulado, secção rectangular, forma e trabalho defeituosos. N.º 1.

*N.º 28. Anta da herdade da Anta.*

No monte da herdade não conseguimos obter informações nem sobre a existência actual desta anta, nem sobre a sua situação. No Museu Etnológico guarda-se, proveniente dela, um machado de xisto verde-acinzentado, secção oval, gume oblíquo. *Est. II, 10, 7.*

*N.ºs 29-32. 4 Antas na herdade do Zambujeiro.*

Conservam-se, no Museu Etnológico, os objectos provenientes das escavações do Dr. Leite de Vasconcelos em 4 antas desta herdade. Faltando, porém, indicações sobre a situação e a forma das antas por ele exploradas, o material então recolhido não pode ser posto em relação com as 4 antas vistas por nós. Tratamos, pois, das antas e dos achados separadamente. A enumeração das antas no museu, em consequência do equívoco já apontado na pág. 233 é de 2 até 5.

*N.º 29. Anta 1 do Zambujeiro. Est. IV, Sep. 6.*

*Situação* : aproximadamente 800 m a Leste-Sudeste do monte do Zambujeiro, ao Norte do caminho que conduz deste monte ao monte da Anta, num cabecinho, no sobral.

*Anta de corredor*, compr. actual 5 m.

*Câmara* : poligonal, 7 esteios conservados, em parte desviados e caídos para dentro; primitivamente eram 9. Alt. máx. do chão actual 0,95 m.

*Corredor* : conservam-se 5 esteios da parede Norte.

*Mamoas* : restos.

*Orientação* : Este, 10º Sul.



*N.º 30. Anta 2 do Zambujeiro.*

*Situação* : aproximadamente 500 m a Leste-Sudeste do monte do Zambujeiro, a Leste do caminho, que segue para a serra, visível daquele. Restos de uma câmara do tipo maior, que não pudemos examinar.

*N.º 31. Anta 3 do Zambujeiro. Est. IV, Sep. 7.*

*Situação* : 350 m a Leste do monte do Montinho, na berma Este do caminho, que segue para o monte das Corsas.

Pequena anta de corredor, compr. actual 4 m.

*Câmara* : de polígono regular, 1,60 m de diâm., 7 esteios, 3 deles conservados na altura primitiva de 1,20-1,35 m do chão actual. Entrada da câmara 0,55 m larg.

*Corredor* : vestígios no compr. de 2 m. 4 esteios visíveis, desviados por um sobreiro, que está dentro do corredor.

*Mamoas* : destruída.

*Orientação* : Este-Sudeste.

A anta já foi escavada.

*N.º 32. Anta 4 do Zambujeiro.*

*Situação* : 30 m ao Noroeste da anta 3, na berma Oeste do mesmo caminho.

Restos de uma pequena câmara de 1,70 m de compr. Cabeceira 0,50 m larga. Os esteios — dos quais se conservam 3 na parede Sul, 2 na parede Norte — ajustam-se à cabeceira em ângulo recto. Trata-se, provavelmente, de uma pequena galeria sem corredor. Alt. máx. 0,65 m.

*Mamoas* : destruída.

*Orientação* : Este-Sudeste.

*Material recolhido por Leite de Vasconcelos. Est. IV, Sep. 6 e 7: 1-10. Museu Etnológico N.ºs 12,921-32.*

*Mus. Etn. Anta 2 do Zambujeiro :*

N.º 2: machado de xisto cinzento-esverdeado, trabalho fino, secção oval, gume arredondado, o lado oposto ponteagudo, pouco polido.

N.º 1: fragmento de uma pequena faca de sílex. Muitos fragmentos de uma placa de xisto gravada; na parte inferior 3 faixas de dentes de lobo, por cima o triângulo central. *Est. IV*, 8,8.

*Mus. Etn. Anta 3 do Zambujeiro :*

N.º 3: braçal de arqueiro de xisto claro, forma oval, a face superior levemente abaulada, secção rectangular, totalmente polido.

N.º 4: fragmento de uma faca larga e grosseira de pedra branca. 1 bocado de granito.

Segundo a notícia de Leite de Vasconcelos, o braçal provém da Anta 4 do Zambujeiro. (*O Arch. Port.*, XV, pág. 247).

*Mus. Etn. Anta 4 do Zambujeiro :*

N.º 6: machado de xisto cinzento-azulado, secção oval, bastante mutilado.

N.ºs 7, 8 e 10: fragmentos de 3 facas de sílex, 2 deles com retoques nos bordos.

N.º 9: micrólito de sílex com o retoque percorrendo a base e os lados do trapézio.

N.º 5: parte de uma vaso de fundo plano, parede levemente côncava e boca larga, grosseiro.

2 bocados de granito.

*Mus. Etn. Anta 5 do Zambujeiro :*

Cacos de cerâmica negrusca, 5 mm de esp., segundo a curvatura de vasos maiores. Carvão vegetal.

N.ºs 33-34. 2 Antas na herdade da Ramalheira, no sítio chamado Parcerinhos.

N.º 33. *Anta dos Parcerinhos. Est. IV*, Sep. 1; *Est. VII*, 3.

*Situação* : 800 m a Leste 30º Norte do monte dos Parceiros, num cabecinho, ao Norte dum caminho que segue para Montargil, num sobral.

Anta de corredor, compr. total 7,50 m.

*Câmara* : poligonal, 3,40 m de larg., aproximadamente 2,50 m de compr., 3 esteios «in situ», restos de mais dois e da cabeceira. Material: xisto. Alt. máx. 1,50 m do chão actual; alt. primitiva, cerca de 2,40 m.

*Corredor* : 4,50 m de compr.; na entrada da câmara 2 pilares, seguidos para fora por 2 esteios maiores em cada parede. Uma pedra, posta de través na parede Norte, marca a porta exterior. Uma laje de cobertura.

*Mamoas* : restos conservados na altura de 0,50 m.

*Orientação* : Este-Sudeste.

*Exploração* : O nosso levantamento da planta data do ano 1934. Depois a anta foi escavada pelo Dr. Salinas Calado, e está hoje bastante mutilada, faltando também a laje de cobertura do corredor. As nossas pesquisas acerca dos resultados da escavação ficaram sem êxito.

*N.º 34. Anta 2 dos Parcerinhos. Est. II, Sep. 5.*

50 m ao Noroeste da anta 1, encontram-se restos de uma pequena câmara baixa de forma incerta, da qual se conservam 4 esteios. Escavada por nós, não deu nada, tendo sido já remexida.

*N.ºs 35-36. 2 Antas, ao Oeste e Sudoeste da vila de Montargil, nas herdades da Pedra Furada e da Matanga.*

*N.º 35. Anta da Pedra Furada. Est. IV, Sep. 4.*

*Situação* : 400 m ao Norte, 10º Oeste do marco geodésico «Montargil», em terreno elevado.

Restos de uma câmara poligonal de cerca de 2,20 m de larg., 4 esteios «in situ», todos partidos nos topos, na alt. de 0,60 m. Material: xisto.

*Corredor e mamoas* : destruídos.

*Orientação* da cabeceira: Este.

*N.º 36. Anta da Matanga.*

*Situação* : 1,5 km ao Sudoeste da vila, 150 m ao Sul, 20º Oeste do monte da Matanga, no cabeço mais alto dos arredores.

Restos de uma anta de corredor.

*Câmara* : poligonal, composta primitivamente de 8 ou 9 esteios, dos quais a cabeceira e 4 esteios da parede Norte estão hoje «in situ», já muito caídos para dentro. O chapéu está inclinado contra a parede Norte.

*Corredor* : restos conservados, 2 esteios da parede Norte, 3 da parede Sul «in situ».

A câmara já foi escavada; o corredor está cheio de terra.

*Espólio* : proveniente desta anta, deram-nos em Montargil, no ano de 1934, um grande machado de anfíbolite, 17 cm de compr., 6,5 cm de larg., 4,5 cm de esp., secção rectangular com os bordos ligeiramente arredondados, grosseiro, o gume oblíquo polido, face superior abaulada, o reverso aplanado, vestígios de polimento em ambas as faces.

*N.ºs 37-38. Antas na herdade do Gamoal.*

Obtivemos informações de haver nesta herdade, que fica 3,5 km ao Norte, 15° Este da vila de Montargil, 1 km ao Norte do marco geodésico «Pintadinho», antas cujo número ainda não pudemos verificar; pelo menos são duas.

*Achados soltos dos arredores de Montargil :*

De uma anta chamada «da Cor de Rosa», cuja situação está incerta, o Museu Etnológico guarda sob o número do catálogo 12.947, a metade superior de uma alabarda de sílex castanho-amarelento de trabalho fino. *Est. II*, 10, N.º 8.

Segundo a notícia de Leite de Vasconcelos «um fragmento de lança, de sílex» provém da anta de Cabeceiros. (*O Arch. Port.*, XV, pág. 249).

### III. — CONCLUSÕES

Embora a freguesia de Montargil pertença àquela região, onde as galerias e cistas de tamanho reduzido são frequentes, o problema da posição cronológica destas pequenas construções megalíticas e da sua relação com os dólmenes desenvolvidos de câmara poligonal e corredor não pode ser resolvido saindo deles. Por causa da sua espoliação e consequentemente

pela falta de material, a sua contribuição para os problemas citados limita-se quase unicamente a ampliar o quadro da divulgação geográfica deste tipo arquitectónico. Antes de qualquer decisão com respeito a eles, impõe-se, pois, esperar a documentação mais perfeita, obtida nas escavações no concelho de Montemor-o-Novo, realizadas por Manuel Heleno, a qual seria apta para nos proporcionar datas certas sobre a evolução destes pequenos dólmenes, que são, indubitavelmente, ligados às populações mais antigas da Europa ocidental.

Alguns factos, porém, merecem ser, já hoje, notados. Em primeiro lugar acentua-se, também com o escasso material de Montargil, uma certa relação entre as pequenas construções alongadas e o machado cilíndrico, documentada não só pela frequência geral deste tipo, mas também pelo seu aparecimento na Anta 1 de Portugal, em contraste com o machado de secção rectangular, que encontramos várias vezes em antas de corredor. Talvez seja lícito pôr também o micrólito trapezoidal do Zambujeiro em relação com a pequena galeria ali existente.

Em segundo lugar, há certos aspectos que indicam que esta ligação das pequenas antas seja, em parte, um fenómeno cultural mais de que cronológico, o que já se revelou em escavações no Sudoeste da península. A anta 1 de Portugal, por exemplo, que deu um machado do tipo primitivo, assemelha-se, pela sua repartição em câmara, corredor e átrio, embora realizada duma maneira deficiente, às construções arquitectónicas do Eneolítico e do Bronze mediterrâneo, prova de que já estamos num período avançado. Cabe, nesta documentação, provavelmente o objecto metálico, encontrado na Anta do monte do Cabeço, do qual trataremos, logo, mais circunstanciadamente.

Em contraste com estes aspectos novos em pequenos dólmenes, as antas de corredor de Montargil inserem-se perfeitamente no quadro apresentado pelas antas eneolíticas do Alentejo. É para notar o braçal de arqueiro do Zambujeiro, tipo já argárico no Sudeste da Península, e, como contribuição para o problema da sequência cronológica dos diferentes tipos da placa de xisto gravada, a grande placa da herdade de Portugal, na qual o recorte da cabeça pudesse ter sido feito posteriormente numa placa primitivamente rectangular.

Um objecto problemático proveniente das nossas escavações é, sem dúvida, a matriz de cobre, já acima citada, peça até hoje única em Portugal,

e para a qual não conhecemos analogias em toda a península ibérica. O seu estudo leva-nos às considerações seguintes:

1) Segundo a análise espectrográfica, a matriz é feita de cobre, que contém uma percentagem elevada de arsénico (8 %), vestígios de prata (0,014 %) e bismuto (0,001 %), mas estanho nenhum (vid. pág. 233). Segundo a opinião de Octávio da Veiga Ferreira, engenheiro de minas nos Serviços Geológicos de Portugal, existem na região de Évora e Estremoz, no Alentejo central, jazigos cupríferos que apresentam, por vezes, minerais como, a pirite de ferro, a calcopirite e a arsenopirite. As pirites  $Fe S_2$ , as arsenopirites  $Fe As S$  e as calcopirites  $Cu Fe S_2$  podem dar, por alteração superficial, compostos redutíveis de arsénio, cobre e ferro. A matéria prima da matriz provém, com a maior probabilidade, do primeiro dos jazigos acima citados, o mais próximo da região de Montargil. Nestes jazigos, a mina de Mostardeira já foi explorada em épocas antigas. Tratando do vaso campaniforme das Casas do Canal, encontrado a poucos quilómetros distante daquela mina, já lançámos a hipótese de uma ligação destes dois fenómenos: a metalurgia primitiva do eneolítico e o aparecimento, naquela região, do vaso campaniforme.

Considerando estes factos, nada obsta a admitir que o arsénico dentro do cobre da matriz pertença à composição original do material escolhido para a sua fabricação e que não foi ligado de propósito. Insere-se o objecto, pois, na idade do cobre. Mesmo, porém, se admitissemos que a função endurecente do arsénico já tivesse sido conhecida, estaríamos, em todo caso, numa época que antecede a do verdadeiro Bronze.

Segundo uma notícia recebida do Dr. E. Sangmeister, a análise de objectos metálicos do Castro de Vila Nova de S. Pedro revelou uma percentagem de arsénico quase igual à da nossa matriz. Não havendo cobre na Estremadura, a matéria prima poderia ter sido trazida, também ali, dos jazigos alentejanos, dos quais os da Serra de Grândola, no Sudoeste, apresentam composições análogas.

No Sudeste da península, armas e objectos metálicos encontrados em dólmenes dos princípios da época de El Argar, contêm igualmente arsénico, numa percentagem algum tanto inferior (4,65 % máx.). Não se conhecem os jazigos da matéria prima, que contem, além do arsénico,



chumbo, antimónio e, em parte, ferro <sup>(8)</sup>. Em geral o cobre nativo do Sul da península é mais puro.

Para os problemas da primeira metalurgia, esperam-se novos esclarecimentos pelas análises agora iniciadas em maior escala; a matriz de Montargil pode apenas dar uma contribuição preliminar.

2) A irregularidade das protuberâncias sobre a chapa da matriz, tanto na forma como no tamanho, deixam concluir que o objecto não tivesse sido fundido, mas que aquelas foram cortadas à mão e talvez aperfeiçoadas à lima numa peça de cobre antes aquecida. Ignora-se, neste caso, a fixação do cabo, que poderia ser soldado posteriormente.

3) O uso da matriz fica, também, hipotética. Exclui-se, segundo a nossa opinião, que tenha servido para a ornamentação de vasos campaniformes. Embora ornamentos estampados apareçam em campaniformes ibéricos, sobretudo em vasos da meseta espanhola <sup>(9)</sup>, as profundas impressões rectangulares, que o negativo da nossa matriz mostra, na Fig. 1, pág. 232, são estranhas ao estilo da decoração campaniforme. Antes, poder-se-ia pensar em vasos de decoração estampada, em parte de tradição neolítica, que provêm de dolmenes e estações beirenses <sup>(10)</sup>, embora também neles, não se encontrem analogias evidentes. Nos objectos de ouro da época faltam, igualmente, ornamentos que pudessem ter sido impressos com uma matriz semelhante. Teria servido para a decoração de materiais destruídos no decurso dos milénios, quer da madeira, quer do osso, coiro ou de outra substância perecível? A chapa da matriz está gasta, sobretudo na parte central, o que poderia indicar que a pressão tivesse sido exercida sobre uma superfície curva.

4) Semelhante trabalho com protuberâncias rectangulares, facetadas nos lados, encontra-se em objectos eneolíticos de pedra e de osso, por exemplo na sandália de marfim da sepultura 12 de Los Millares, assim como nas paredes de pequenos recipientes provenientes de Vila Nova de S. Pe-

---

<sup>(8)</sup> Georg und Vera Leisner, *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel*. I. Teil: Der Süden. Berlin, 1943, pag. 538.

<sup>(9)</sup> Dolmen de Guadalperal, Prov. de Cáceres, *Madridrer Mitteilungen do Instituto Alemán de Arqueologia*, a aparecer no fim do ano corrente.

<sup>(10)</sup> Por exemplo nas Orcas de Forles e de Tanque, na Beira Alta; no dolmen de Cabeço dos Moinhos e nas estações da Junqueira e na do Forno da Cal, no concelho de Figueira da Foz. Museu Etnológico Português e Museu Santos Rocha, Figueira da Foz. Não publicados.

dro <sup>(11)</sup>, Monte Velho, Algarve, Los Millares e Gandul <sup>(12)</sup>, documentos de que tais recortes não tenham sido estranhos à arte eneolítica. Também nos ídolos do Sudeste da península se nota uma predilecção por padrões rectangulares <sup>(13)</sup>.

5) Objectos de forma semelhante encontram-se entre as chamadas «pintaderas», frequentes nas culturas balcânicas e que aparecem também na Itália. Mais afim da nossa matriz, mas também, como as anteriormente citadas, de barro, são duas «pintaderas» provenientes de escavações numa cova e numa aldeia pré-hispânicas da Gran-Canária <sup>(14)</sup>, uma das quais rectangular, a outra diferente na forma, com duas chapas romboides, ligadas, mas igual no cabo curto. O uso de tais «pintaderas» parece ter sido muito divulgado nas culturas pré-hispânicas das ilhas Canárias; na obra citada reproduzem-se mais algumas com pequenos triângulos equilaterales em diversas combinações. Considerando que ali se conservaram tradições neolíticas, que se perderam no continente europeu, o facto não carece de interesse.

6) Acabado o exame do próprio objecto, fica ainda para discutir a sua relação com o dólmen no qual foi encontrado. O facto de a matriz ter aparecido completamente isolada, muito dificulta a sua inserção em qualquer quadro cultural ou época cronológica no decurso da evolução das antas alentejanas. Cabe, naturalmente, já pela sua matéria, num período avançado das antas de corredor, embora também nelas, no Alentejo, o cobre seja excessivamente raro; mais enigmático, porém, é o seu aparecimento num tipo arquitectónico primitivo.

As investigações recentes nas Caldas de Monchique <sup>(15)</sup> e na província espanhola de Huelva <sup>(16)</sup> demonstram a sobrevivência das construções megalíticas de câmara alongada, — oriundas dos pequenos dólmenes neo-

(11) Afonso do Paço, *Castro de Vila Nova de S. Pedro*. Arqueologia e História, Vol. III, 8.ª Série, Lisboa, 1954. Fig. 10.

(12) Meg. Gr. I, respectivamente Ests. 10, 11, 16, 64, 81 e 160.

(13) Meg. Gr. I, Est. 149.

(14) Sebastian Jiménez Sánchez, *Excavaciones Arqueológicas en Gran Canaria, del Plan Nacional de 1942, 1943 y 1944*. Informes y Memorias, N.º 11, Madrid, 1946.

(15) J. Formosinho, Octávio da Veiga Ferreira e Abel Viana, *Estudos Arqueológicos nas Caldas de Monchique*. Centro de Estudos de Etnologia Peninsular. Porto, 1953.

(16) Carlos Cerdán Márquez, Georg Leisner y Vera Leisner, *Los sepulchros megalíticos de Huelva*. Memorias y Informes, N.º 26, Madrid, 1952.

líticos — até aos princípios da idade do bronze. Não seria, pois, inverosímil, que houvesse, no eneolítico, formas idênticas, laços que provam uma evolução à parte das antas de câmara poligonal. A unidade de todo este ramo de desenvolvimento é provada pelo aparecimento, nos seus espólios, do machado cilíndrico e do micrólito trapezoidal, também ligados a estratos culturais antigos. Além disso, reconhecem-se em várias regiões costumes idênticos com respeito aos ritos funerários, tanto na prática da inhumação individual, como no número e na posição dos objectos depositados no túmulo <sup>(17)</sup>.

Tal coerência cultural entre a construção tumular e o ambiente cultural, reconhecível ainda, embora em vestígios, na anta 1 de Portugal, falta por completo na anta do Monte do Cabeço, a qual, segundo o estado actual do nosso conhecimento, não se insere em qualquer dos esquemas hoje válidos.

Naturalmente, as dádivas funerárias, baseando-se em parte em costumes mais antigos, não compreendem a totalidade do património cultural dum povo, dentro do qual representam mais o elemento retrospectivo do que progressivo. São em geral os vasos frágeis, e por isso sempre feitos de novo, que melhor acompanham o desenvolvimento cultural e que nos dão uma noção mais certa do verdadeiro período cronológico.

No caso da matriz, objecto destinado ao exercício de qualquer ofício, a chave para os problemas ligados a ela, deve ser procurada nas habitações, cuja exploração, já iniciada com tanto êxito e proveito para a ciência, em Vila Nova de S. Pedro, se impõe também para as moradas do povo construtor das antas.

A câmara dolménica do monte do Cabeço estava, como se depreende da descrição da escavação, evidentemente intacta. A ausência de restos humanos explica-se pela natureza destrutiva do terreno, aumentada pela falta de lajes de cobertura.

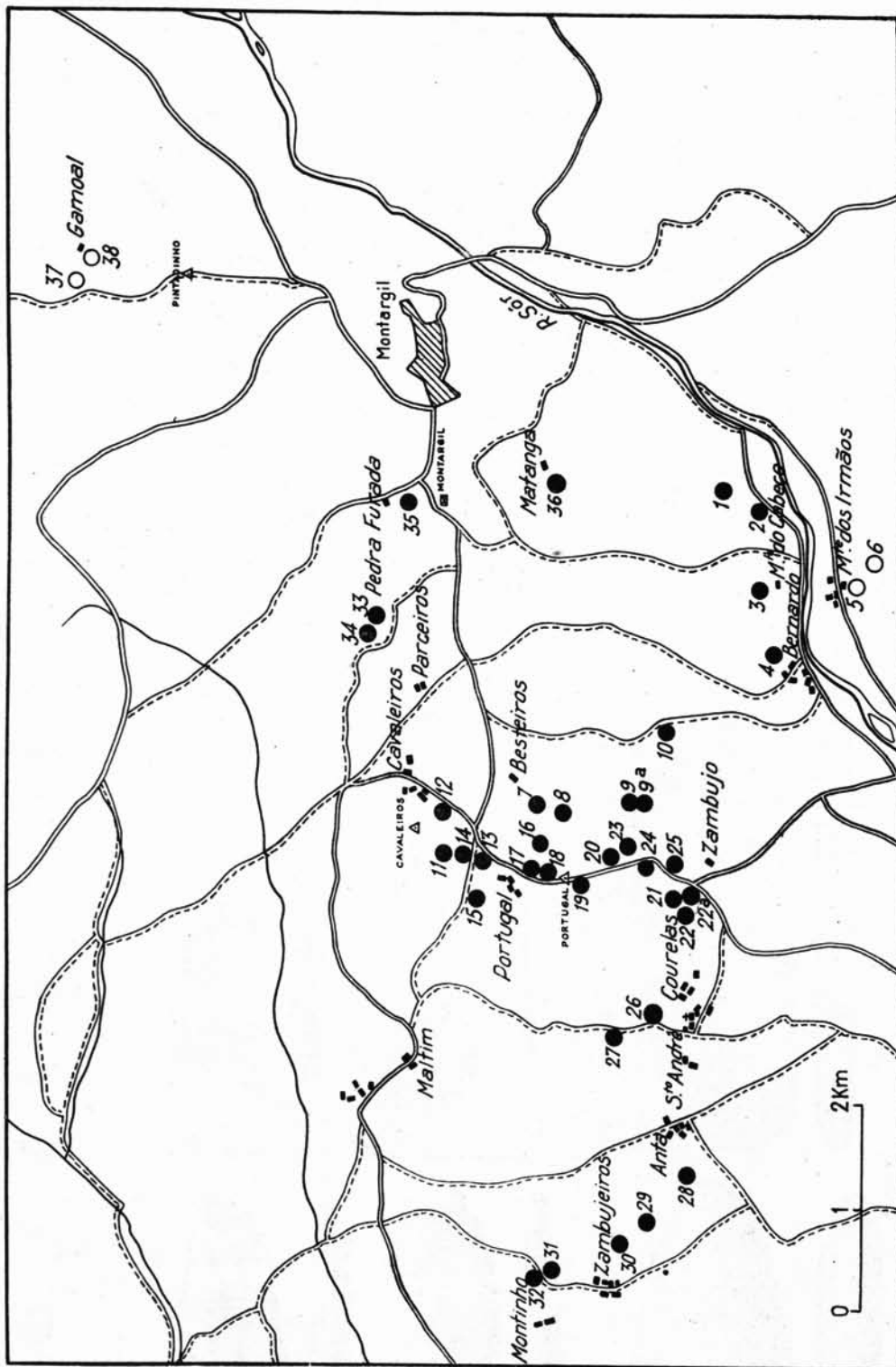
Túmulos intactos sem espólios encontraram-se também nas necrópoles de Monchique. Estes dois factos são aptos para apoiar a suposição que, apesar de não se terem encontrado restos dela, pudesse ter havido uma inhumação primitiva não remexida. Parece-nos, porém, inverosímil que a ma-

---

(17) Virgílio Correia, *El Neolítico de Pavia*. Madrid, 1921. Georg e Vera Leisner, *Antas do Concelho de Reguengos de Monsaraz*, pág. 163, Lisboa, 1951.

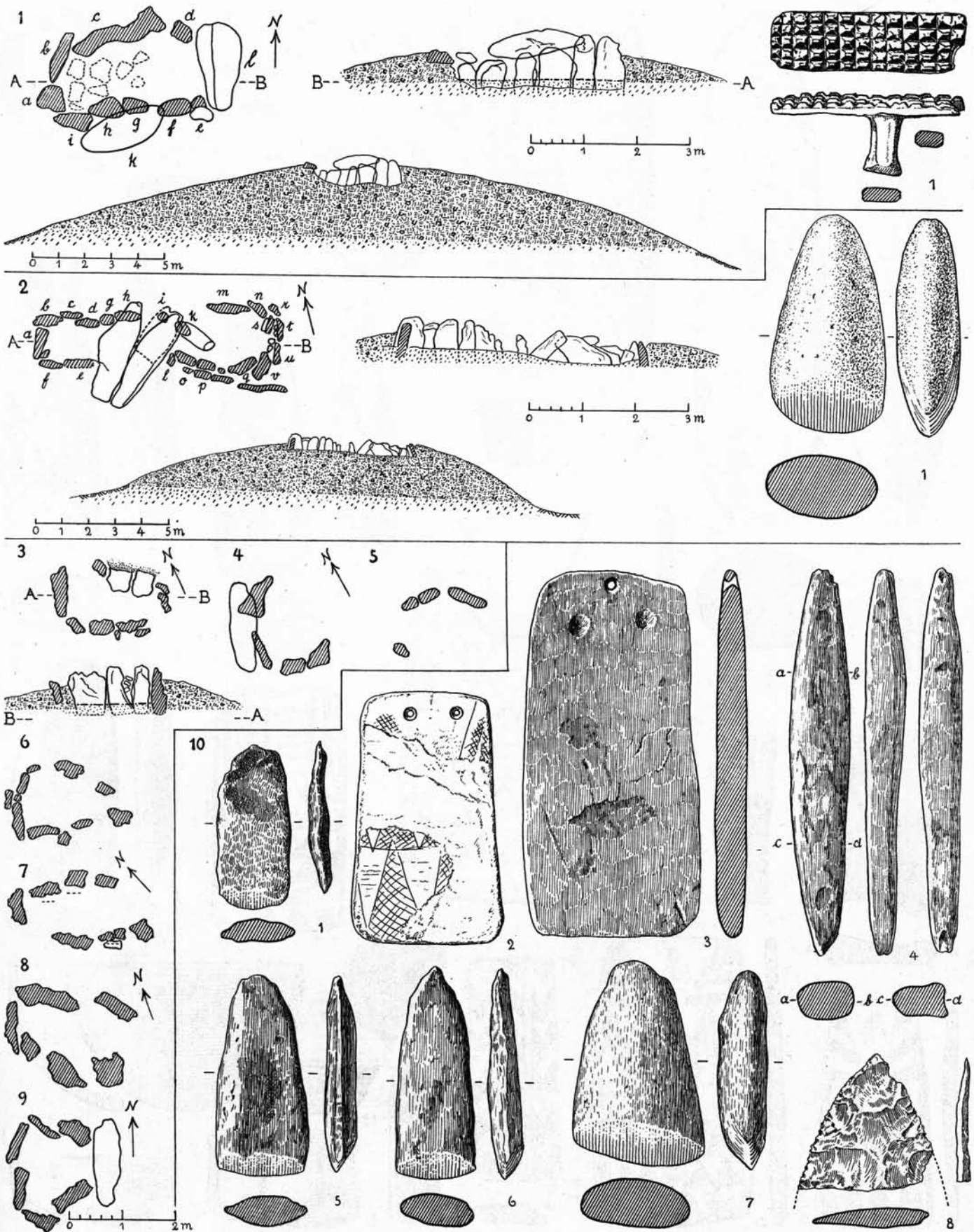
triz tivesse sido a dádiva funerária única, conduzindo-nos à hipótese de que, na ocasião da deposição do cadáver, pudesse ter ela sido perdida. A profundidade, na qual estava, e o estado da camada, na qual foi encontrada, contradizem à suposição duma entrada posterior.

Antes de qualquer decisão definitiva, impõe-se esperar novas documentações que nos possam esclarecer sobre todos os aspectos deste objecto novo e desconhecido.



MAPA DAS ANTAS NA REGIÃO DE MONTARGIL

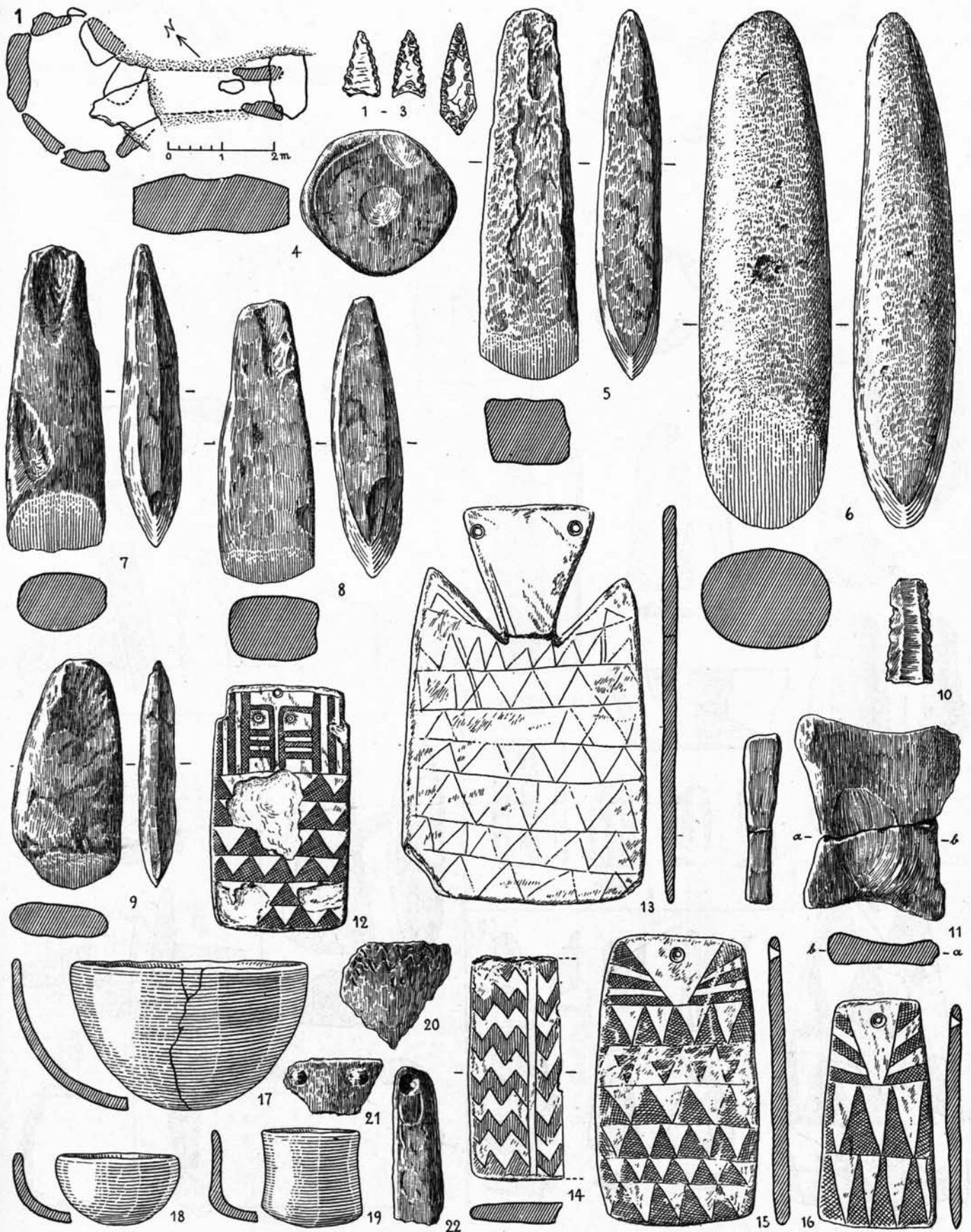




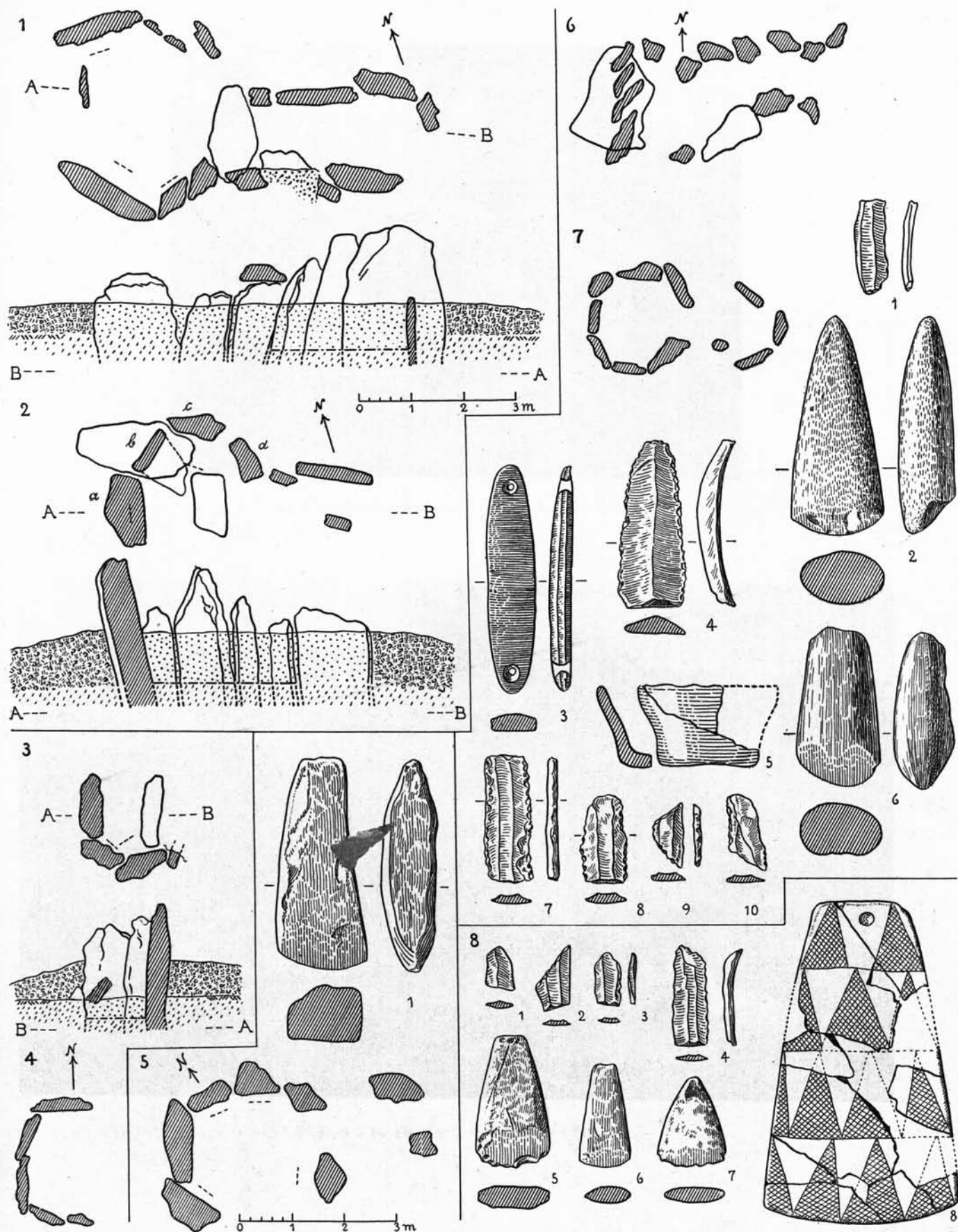
1. ANTA DO MONTE DO CABEÇO.—2. ANTA 1 DE PORTUGAL.—3. ANTA 1 DOS BESTEIROS.—4. ANTA 4 DE PORTUGAL.—5. ANTA 2 DOS PARCERINHOS.—6. ANTA 9 DE PORTUGAL.—7. ANTA 10 DE PORTUGAL.—8. ANTA 1 DO ZAMBUJAL.—9. ANTA 3 DE PORTUGAL.—10. OBJECTOS PROVENIENTES DAS ANTAS DA HERDADE DE PORTUGAL 1-6; MACHADO DA ANTA DA HERDADE DA ANTA 7; ALABARDA DA ANTA DA COR DE ROSA 8.

ESCALA: PEDRA POLIDA E PLACAS DE XISTO 1:3; SÍLEX 1:2; MATRIZ DE COBRE 1:1.





1. ANTA 1 DOS CAVALEIROS, PLANTA E ESPÓLIO. N.º 1-3: PONTAS DE SETA DA HERDADE DOS IRMÃOS.  
 ESCALA: PEDRA POLIDA, PLACAS DE XISTO E CERÂMICA 1:3; N.º 1-3, 10, 20 E 21 1:2.

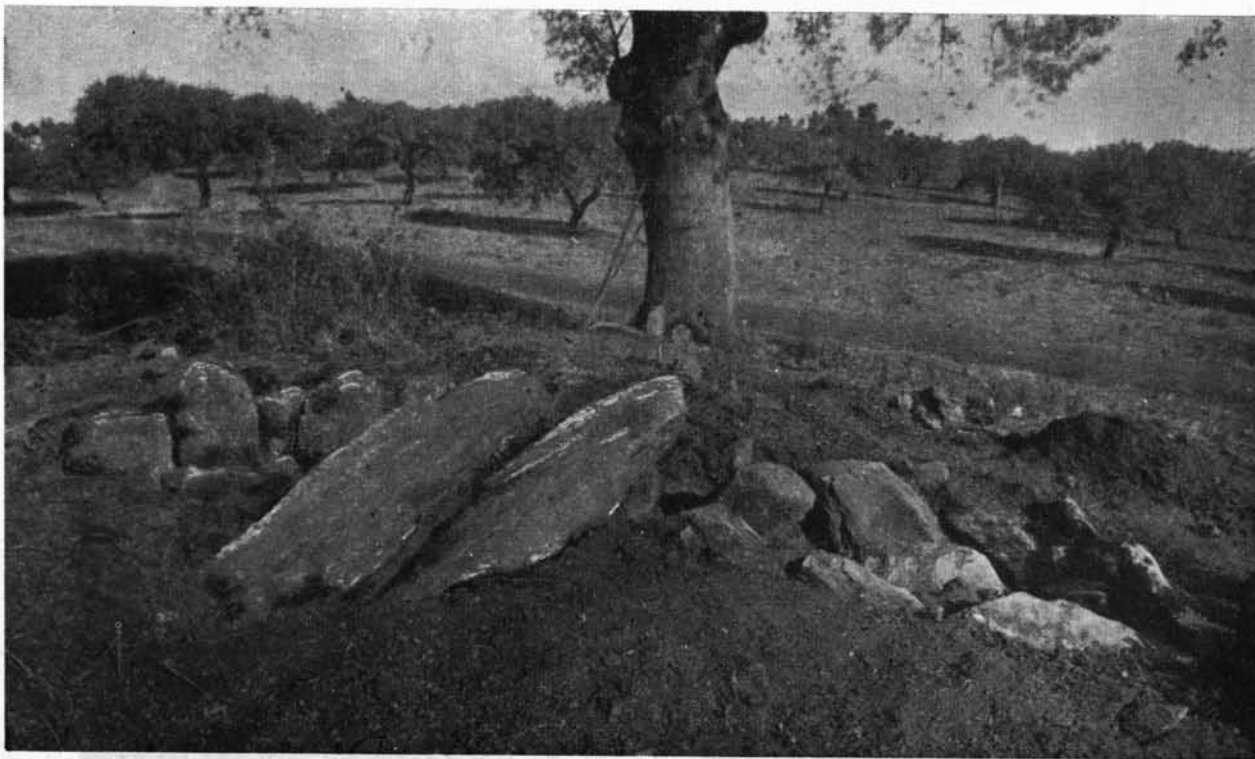


1. ANTA DOS PARCERINHOS.—2. ANTA 2 DO ZAMBUJAL.—3. ANTA 3 DO ZAMBUJAL.—4. ANTA DA PEDRA FURADA.—5. ANTA 2 DE S. ANDRÉ.—6. ANTA 1 DO ZAMBUJEIRO.—7. ANTA 3 DO ZAMBUJEIRO; ESPÓLIO DAS ANTAS DO ZAMBUJEIRO.—8. OBJECTOS PROVENIENTES DA ANTA E DA HERDADE DE S. BERNARDO. NR. 8 DA ANTA 2 DO ZAMBUJEIRO.

ESCALA: PEDRA POLIDA, PLACA DE XISTO E CERÂMICA 1:3; SÍLEX 1:2.



ANTA DO MONTE DO CABEÇO, VISTA DO LADO OESTE.

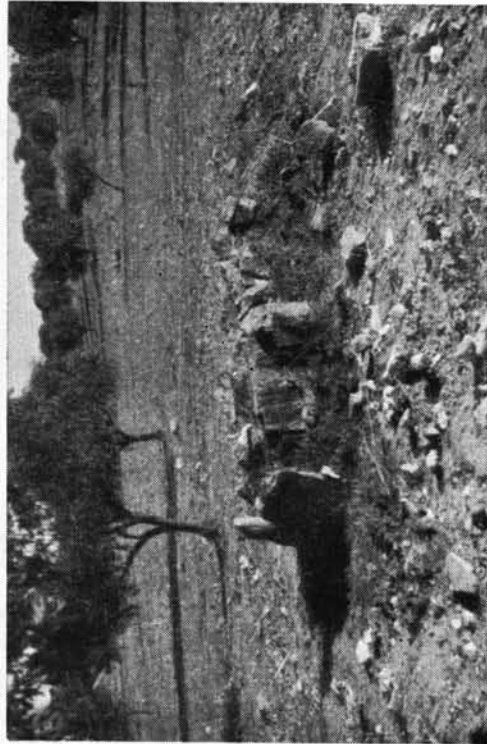


ANTA 1 DE PORTUGAL, VISTA DO LADO SUL.

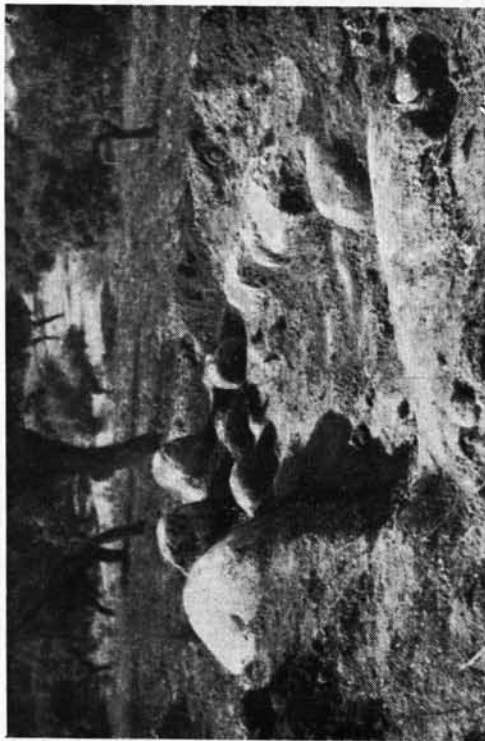




ANTA 1 DOS BESTEIROS.



ANTA 9 DE PORTUGAL.



ANTA DO MONTE DO CABEÇO DURANTE A ESCAVAÇÃO,  
MOSTRANDO A CAMADA DE BLOCOS.



ANTA 10 DE PORTUGAL.



ANTA 2 DO ZAMBUJAL, VISTA DO LADO SUL.



ANTA 2 DOS CAVALEIROS, VISTA DO LADO SUL.



ANTA 1 DOS PARCERINHOS, VISTA DA ENTRADA.